

45  
H  
2  
70

SEGUNDA CARTA  
APOLOGETICA,  
EM FAVOR, E DEFENSA  
das mulheres,  
ESCRITA POR DONA  
GERTRUDES  
MARGARIDA DE JESUS,  
AO IRMAO AMADOR  
do Dezengano,

*Com a qual destroe toda a fabrica do seu  
Espelho Critico.*

E se responde ao terceiro defeito, que nelle  
contemplou.



L I S B O A :

Na Officina de Francisco Borges de Sousa.  
ANNO de 1761.

---

*Com todas as licenças necessarias.*

SEGUNDA CARTA  
APOLOGETICA  
R. M. BAYON, E. DE FINSA  
ESCRITA POR DONA  
GERTRUDIS  
MARGARITA DE JESUS  
AO IRMAO AMADOR  
de Bergamão

Com a qual se trata a fé e a doutrina da fé  
Primeiro Critico.  
E se respondem ao terceiro delicto, que nelle  
contem...



L I S B O A :

Na Officina de Francisco Xavier de Souza  
ANNO de 1761

Com todos os direitos reservados.

# SEGUNDA CARTA APOLOGETICA.



Carta , que remetti a V. C. não ha muitos dias , soube ser-lhe entregue , e juntamente soube do proprio a manuenfe , que a levou , que V. C. dissera em falsete, ( não duvidando da verdade , que o podia fazer ) que vendo as Heroínas , com que eu legalizava a minha defenza , não encontrava huma só Portugueza : Eu espero ter tempo para lhe remover este prejuizo ; agora porém vou ao principal intento , que he nesta segunda Carta dar complemento á primeira , mostrando não ser a formozura tão fea , e tão damnoza , como V. C. quer que se veja no seu Espelho , cujo intento illidir , e quebrar.

Miseraveis mulheres , que cahistes na desgraça dos homens ! Infelices homens , que quando foçobrados com a ira da vossa maledica paixão até chegais a dizer mal de vós mesmos ! Assim o fizeram os Efezinos injuriando com feas palavras a Hermodoro , até o expulsarem fóra da Cidade , excedendo elle a todos em virtude , constancia , e equidade. Omesmo fizeram os Athenienses a Aristide , a Cymone , e a Themistocles : e os Siracusanos a Hermocrate , e a Dione : e os

Romanos a Camillo , a Rutilio ; e a Metello. E não tendo Catao Uticense nenhuma cobiça , nem Hercules nenhuma cobardia ; diz Plutarco , que a Catao notaraõ de cobiçozo , e a Hercules de cobarde. Põde haver mayor defatino ! Assentemos nós , que os máos não podendo soffrer os bons , e o que he bom , estudaõ cavilozamente os meyo de os arruinar.

Não he a formozura damnosa, porque o seja; mas porque os homens disleraõ, e quizeraõ que fosse má. E bastará isto ( Amado Irmaõ ) para que se assente , e affirme que he má ? Ora vá ouvindo V. C. e notando : Perguntado hum sabio , que cousa era a formosura ; disse : *He hum resplendor do summo bem , que reluz naquellas cousas , que se vem , e alcançaõ com o sentido , e com o entendimento , pelos quaes as quer converter a si* : Ora ja não he taõ fea , como V. C. a pinta. Supponho que V. C. como Catholico sabe muito bem , que ha dous generos de formozura , huma corporal ; outra espiritual ; huma corporea , outro incorporea : Da Espiritual não trata V. C. , e por isso não me emprego em responder-lhe ; da corporal he toda a contenda.

Houve hum Religioso Capuchinho por nome Fr. Fortunato de Quiaromonte , era este de taõ rara gentileza , que reflectindo nelle hum herege Luterano , sem outra mais ração se reduzio , e converteo ao gremio da Religiao Catholica ; e inquiredo pela causa , que o motivara a esta taõ repentina , e voluntaria mudança , respondeo : Convenceo-me este argumento ? Nes-

*te homem está Deos quasi vizivelmente; e não estaria se elle seguisse Religião falsa: logo a que elle segue he a verdadeira.* Tirassem os homens todos esta, e semelhantes consequencias da formozura, que achão nas mulheres, que eu lhes prometto, que até elles follem bons; porém como a sua malicia he tal, que tira do bem o mal á maneira da aranha, que da flor, que a abelha tira o mel, tira ella o veneno, por isso chegaõ a maldizer a formozura. Não assim hum dos melhores engenhos de França, que lhe chamou: *Sombra das bellas almas, e caracter vizivel da virtude.*

Em hum Panegyrico, que Pacato, singularissimo Orador, fez ao Imperador Theodozio, disse, que a formozura tinha muito de divina; e que se a sua virtude lhe merecera o Imperio, a sua gentileza accrescentara os votos á virtude. Ao Sol, em razão de sua formozura, chamou Plataõ: *Imagem de Deos.* A' formozura chamou Marcilio Ficino: *Flor da bondade;* e outros a appellidaraõ: *Iguaria de todo o bem.* Lembra-me ter achado em Eneas Sylvio no seu segundo Tomo da historia de ElRey D. Affonso de Napoles, que dizia Bartholomeu Caprano, Bispo de Milaõ, que raras vezes se ajuntava formozura com maldade. Nas leys de Draco, quando se duvidava qual de muitos aggressores na briga fosse o homicida, sempre se prezumia, e procedia contra o mais feyo. Na opiniaõ de Baldo, nascendo dous meninos gemeos, e não se podendo individuar qual nasceo primeiro, levava o mor-

gado o mais formozo. Os povos da Gangarida ( terra além dos Ganges ) elegião para Rey o mais formozo, e tanto que algum nascia, e chegava á idade de dous mezes, o levavaõ a Juizo, e se era feyo, o matavaõ, dizendo, que de cousa feya não se podia esperar cousa boa. A Archidemo, Rey, multaraõ os seus povos por se ter cazado com mulher de pouca presença, sentindo que deste conforcio não poderiaõ nascer Reys, senão régulos.

He sem duvida certissimo, que a formozura nasce para persuadir, reynar, e avassallar os coraçõens, e apartar de si prezumpçoens indignas da sua nobreza; porque ella mesma não he outra cousa, que imperio da fórma sobre a materia. Queira Deos que V. C. entenda isto. De Moisés, ainda menino, conta Theofilato, que estando já para lhe tirarem tyrannamente a vida, ferio, e olhou com semblante grato, e a mlgavel para quem o queria matar, e deste modo livrou na sua belleza a sua vida. Estes factos são inübitaveis, e bem a favor da formozura; pelo que fica claro ser ella a motora de todo o bem, e não authora de todo o mal.

V. C. deve saber, e advertir, que a mulher menos feya de todas, posta em Grecia, seria a ruina, e incendio de Troya; do mesmo modo que foy a decantada Helena; e posta no Palacio de El Rey D. Rodrigo, seria, como Caba foy, a perdição das Hespanhas. Nos paizes, em que as mulheres são menos formozas, como são as Necalitas, de quem Deos nos livre, e que V. C.

obeg

traz

traz para argumento) nem por isso deixa de haver menos defordens; antes acontece pelo contrario, pois no Reino de Moscovia, onde as mulheres excedem a todas (ao menos ás da Europa, como he constante) em belleza, e formozura, não se vem tantas dezordens, e dezacertos: Logo que havemos dizer, Irmão charissimo? Devemos dizer, que a formozura não he authora das ruinas, que lhe imputaõ; mas sim a malicia dos homens, que abuzando della fazem com que seja máo, o mesmo que em si he bom.

Perluado-me que tenho dado satisfação ás objecções de V. C.; agora se me não expliquey bem como devia, procederá talvez de ser esta a primeira vez, que pego na penna para me defender. Resta responder porém a V. C. sobre o reparo, que fez em eu allegar, para confirmacão do que disse, exemplos de Heroínas Estrangeiras; se bem que semelhante frioleira faz-se indigna de resposta; pois não sey que as Francezas, Italianas, Holandezas, &c. sejaõ de genero diverso das Portuguezas; e se isto não he resposta, poderia eu tambem dizer (que tal não direy) que os Authores, com que V. C. comprova o seu discurso, são Gregos, Romanos, Athenienses &c. e não Portuguezes: logo tanto vale huma cousa como outra. Porém saiba que tem havido innumeraveis Portuguezas, e muitas filhas desta Corte, que tem sido admiraveis em prendas, sciencias, e constancia, ou valor. E para que o veja, vá ouvindo:

D. Maria Infanta de Portugal, filha do In-

fante D. Diarte, que cazou com o Principe de Parma, foy de claro juizo, e aguda intelligencia; fallava a lingua Latina, comprehendeo a Grega, e não ignorava as Filozofias. Nas Mathematicas foy muito douta; e na sciencia da Eſcritura Sagrada teve tal erudição, que repetia de memoria os Oraculos de hum, e outro Testamento.

Sor Magdalena Eufemia da Gloria, Religioſa bem conhecida no Convento da Esperança, da nobre familia dos Limas, e Souzas, eſcreveu em elegante eſtylo a Historia da vida de Santa Roza de Santa Maria, que corre impressa debaixo do Annagrama literal de D. Leonarda Gil da Gama, em octavo. Outro livro de Novellas exemplares debaixo do meſmo Annagrama, que traz por titulo: *Brádos do Dezenqano contra o profundo ſomno do eſquecimento.* E outros muitos manuſcriptos eruditos, e elegantes.

Sor Violante do Ceo, baptizada na Sé de Liſbõa, foy Religioſa da Roza, teve hum raro engenho para todo o genero de compozições metricas nas linguas Portugeza, e Caſtelhana. Tendo de idade 16 annos compõs a Comedia de Santa Eugenia intitulada: *La transformacion por Dios.* Entre os encomios, que ſe apresentaraõ a Philippe III. de Caſtella quando obtendo eſte Reyno de Portugal ſe achava em Liſbõa, os ſeus, pelo voto de todos, tiveraõ os mayores applauzos. El Rey D. Joaõ o IV., a Rainha D. Luiza, o Principe D. Theodozio, e todos os Grandes do Reyno, fiziaõ o merecido apreço das ſuas



Poezias. Ha della muitos Romances avulsos, e outros muitos versos manuscriptos. Deixou duas Comedias, que intitulou: *El Hijo, Esposo, y Hermano*; e *La Victoria por la Cruz*. Em o anno de 1728 se imprimio nesta Corte hum Manual da Missa com seus Soliloquios, e algumas Oraçoens devotas, que ella tinha deixado manuscripto.

D. Archangela Jozefa de Souza, de Lisboa, filha do Doutor Antonio Carvalho de Souza, teve taõ felice memoria, que sabia de cór o primeiro, e o segundo livro das Eneidas de Virgilio<sup>1</sup>, e de Ovidio os cinco livros dos Tristes. Em dous dias aprendeo a bordar primorozamente. Escreveo em dous tomos de folio a vida de Santa Catharina de Sena. Outro, que intitulou: *Regras para conservar a saude*. Traduzio na lingua Portugueza as obras de Luiz de Gongora illustrado com bellas notas, e a naõ morrer de 24 annos deixaria muitas outras.

D. Roza Maria Clara de Lima, natural de Lisboa, filha de Miguel da Silva de Lima, nos primeiros annos de sua idade mostrou taõ raro engenho, que lhe deraõ seus Pays Mestres, de quem aprendeo com facilidade as linguas Latina, Italiana, Franceza, Alemaã, e Ingleza. Na muzica, e nos instrumentos excedeo a todas as Heromas do seu tempo. Tambem morreo de tenra idade, no anno 1733.

D. Maria de Lancastre, Senhora Portugueza, foy de grande juizo, e muito applicada aos Estudos: comprehendeo difficillimos pontos da

Sagra.

Sagrada Theologia especulativa ; penetrou os segredos mais reconditos da Filozofia ; e na Medicina foy affombro , e inveja dos professores daquelle seculo. Soube tanto regular-se pelas regras da Farmaca , que chegou a viver 133 annos. Estando ja de cama, pela fraqueza lhe impedir os passos , tomando-se o pulso, disse : *Para este caso não dá regras a Medicina, salvo mudasse a natureza.* Preparado por sua mão hum remedio , o tomou , pediu os Sacramentos , e deo a alma ao Creador.

D. Sebastiana de Magalhaens, filha de Lisboa, do Capitam Ruy Soares de Magalhaens, foy sumamente discreta, e instruida nas historias particulares do Reyno, e dos Authores Latinos, Cicero, e Terencio, repetindo os successos com a formalidade, que estavaõ escritos. Escreveo em latim hum Epithome de todos os Monarchas Francezes, o qual offereceo a Anna Tanaquel de Feure, Senhora Franceza. Estudava Filozofia, quando a morte a levou com os estudos, que davaõ esperanças de grandes progressos.

Thomazia Nunes, natural da Cidade da Guarda, de humilde nascimento, perfilhou-se illustre nos estudos da Filozofia, Arithemetica, Muzica, e Architectura. Riscava, e pintava com igual perfeição. Deixou escritos dous livros em folio com o titulo : *Ideas singularissimas.* Ordenou huma Arte de Rhetorica, que intitoulou : *Nova Arte de bem fallar.*

Paula de Sá, Portugueza, foy excellente Poetiza ;

fiza: Escreveo muitas Obras, que se imprimi-  
rao debaixo de outro nome. Foy celebre na Es-  
cultura, e nas linguas, que fallava com promp-  
tidaõ. Applicou-se ás historias, e teve vasta  
erudição na Latina, e na Romana.

Quiteria Borges, e Natalia de Souza, natu-  
raes de Coimbra, foraõ de animo taõ ardente,  
que no mesmo dia, que chegou a noticia á di-  
ta Cidade da felice Acclamação de ElRey D.  
João o IV., sahiraõ á rua armadas com espada,  
e rodella, sollicitando os animos de todos os Ci-  
dadaons, e povo, para as acclamaçoens, e vi-  
vas. Sahiraõ as Justiças a rondar as ruas, que  
Quiteria, e Natalia com vozes de liberdade an-  
davaõ correndo, ameaçando de morte aos que  
o não respeitassẽ, e reconhecessẽ por ver-  
dadeiro, e legitimo Rey.

Gervazia Antunes, natural da Villa de Al-  
mada, filha de Pays humildes, foy de taõ intrep-  
ido valor, que ouvindo dizer que em certo lu-  
gar da Villa andava huma fantasma, rezoluta  
se armou com hum grosso páo na mão, e se foy  
ao dito sitio; avistando o vulto da fantasma,  
esta se veio chegando para Gervazia, e estando  
já bastantemente aproximada, lhe disse destemi-  
da, levantando o páo, que lhe declarasse quem  
era, e o que queria, se não que entendesse que  
lhe morreria nas mãos. Veio a conhecer ser in-  
dustria de hum ladraõ para lucrar melhor o seu  
officio, que se se lhe não de clara infallivelmente  
o mata. Nas forças foy agigantada; por que aba-  
lando huma oliveira de vinte annos, a rendeo  
II pelo

pelo meyo. Arrancou huma grande parreira com todas as raizes pegadas. Levantava com os dentes hum sacco de trigo de cincõ, e feis alqueires, e chegou a quebrar com os dedos huma moeda de prata de tres tostoes, ganhando por aposta 6400.

Agora fico persuadida, que V. C. estará plenamente satisfeito; e se acaso conserva ainda algum remorço, veja o *Theatro dos Heroínas Portuguezas*, que laõ dous tomos de folio, e nelle achará para tudo razoens, que lhe bastem, e mulheres, que o confundaõ. Consulte tambem a Seneca, Author grave, e veja que, a naõ dizer muito, constitue as mulheres em tudo, e por tudo iguaes a os homens; em todas as dispoziçoens, ou facultades naturaes, e estimaveis. Permita-me licença que feche esta Carta com suas formaes palavras, pois creyo que V. C. tambem sabe os seus dous dedos de Latim. *Quis autem dicat naturam maligne cum muliebribus ingenis egisse, & virtutes illarum in arctum retraxisse? Par illis (mibi crede) vigor, par ad honesta (libeat) facultas est. Laborem, doloremque ex aequo, si consuevere, patiuntur.* Naõ molesto mais a V. C. a quem desejo avultadas felicidades &c.

F I M.

*Omnia sub correctione S. R. E.*

J. M. C.